

## A Literatura de Massa na perspectiva da estética da recepção

Mestranda Márcia Adriana de Souza Verona<sup>1</sup> (CES/JF)

**RESUMO:** *O trabalho propõe um estudo da recepção da Literatura de Massa, tomando como ferramenta a Estética da Recepção, uma teoria da Literatura. Tal estudo considera como recorte, o romance policial: **Enquanto Seu Lobo não vem**, de Aluísio Santiago Campos júnior, pois o processo de recepção textual implica a participação ativa e criativa daquele que lê. Assim texto e leitor interagem.*

**Palavras-chave:** Literatura de Massa, romance policial.

A literatura é dividida por alguns críticos em: Literatura Culta e Literatura de Massa. E Por que existe essa divisão literária? Como se caracterizar cada modalidade? Quais são os aspectos a serem considerados para se fazer essa distinção entre os textos da Literatura? São questionamentos que ao longo do texto tentar-se-á explicitar e exemplificar.

Consideram-se como Literatura culta as obras reconhecidas pela crítica, pelas Academias de Letras, por professores e estudantes de Faculdades de Letras, ou seja, a linha divisória da Literatura é determinada por um pequeno e hermético grupo da Academia e críticos. “O objeto essencial ou específico de toda literatura culta moderna é reestruturar recombinar as práticas lingüísticas, contraditórias em toda sociedade, visando interpelar de uma maneira particular o sujeito da consciência” (SODRÉ, 1988, p.24). Assim, observa-se que na Literatura Culta o autor produz uma linguagem peculiar. Sua obra não seria mera transmissora de fatos reais e informativos que se quisessem transmitir ao leitor como princípio certo.

A Literatura de Massa é considerada por muitos críticos como sub-literatura, ou literatura de consumo. Incluem-se, nessa literatura o romance policial, de ficção científica, de aventuras, sentimental, de terror, dentre outros. E assim as instituições acadêmicas não se importam com esse tipo de literatura.

A função claramente normativa da Literatura de Massa é, portanto, ajustar a consciência do indivíduo ao mundo (confirmá-lo como sujeito das variadas formações ideológicas), mas divertindo-o como num jogo. Por isto, a narrativa trabalha com formas já conhecidas ou facilita de composição romanesca (SODRÉ, 1988, p. 35).

Em relação à produção da Literatura de Massa o que tem valor é a intriga, o clímax, o desfecho e a catarse, “[...] aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções, quanto a liberação de psique” (JAUSS, 1979, p. 81), com o intuito de atingir o senso íntimo que nos leva a refletir sobre o certo e errado. O texto, nesse caso, tem como objetivo estimular a curiosidade do leitor. E os temas mais frequentes nesse tipo de Literatura são: crime, amor, sexo, corpo, aventura.

Observa-se que há uma lacuna entre esses dois tipos de literatura. A Literatura de Massa não pretende substituir a Literatura Culta, mas vem preencher esse espaço deixado pela Literatura Culta. E essa lacuna é a grande quantidade de leitores que sente prazer na leitura, porém considera complexa a Literatura Culta. A partir disso, podemos pensar na obra literária como construtora de sentidos que valoriza o leitor, respeitando sua história de leitura.

A qualidade estética da Literatura de Massa é outro fator considerado para o divisor das Literaturas. É justamente na estética que está a principal diferença entre as duas Literaturas. “No pla-

no empírico, pode-se até abstrai-los sem qualquer prejuízo, mas quando se trata da discussão teórica da literatura, se, então, não há como prescindir deles.” (CALDAS, 2000, p. 93). Ao analisar e comparar a Literatura Culta e a de Massa, suas diferenças são logo encontradas. O marco da diferenciação está no estético, é justamente nesse ponto que os teóricos se apegam para justificar a diferença entre ambas. A partir dessa distinção, a Literatura de Massa é considerada uma sublitteratura. Deve-se ainda esclarecer que, como a Literatura de Massa não possui instrumento teórico próprio usa-se como parâmetro a Literatura Culta.

Assim, o que se espera do estudo da Literatura de Massa é que se considerem aspectos diferentes, como as influências na formação do discurso, as condições de produção, a forma como o autor escreveu sua obra, dentre outros.

Na Literatura de Massa, o que se denomina de gênero são as subdivisões por tema e leitor, da narrativa romanesca. Pode-se dizer que esses gêneros estabelecem-se em ralação à identificação do sujeito. Sendo o romance policial que envolve o crime, aspectos psicológicos e judiciários, romance de terror onde se destacam características biológicas e antropológicas em relação aos padrões humanos, em seguida aparecem o romance sentimental nesse tipo de narrativa o assunto abordado estará voltado para o sentimentalismo e a sexualidade. Os temas apresentados sobre os tipos de gêneros são exemplos, pois outros também são abordados. No romance policial, que passará a ver com mais detalhes neste trabalho, as perspectivas da narrativa estão quase sempre voltadas para um jogo de identificar e punir aqueles que romperam com o padrão jurídico e assim ameaçando a sociedade.

[...] é demonstrar que o romance policial, enquanto Literatura de Massa, é determinado pelo aparelho ideológico da indústria cultural. [...] o romance policial exibe sempre um mesmo motivo ideológico: o medo ou angústia da perda da identidade, pela ameaça do crime, da violência ou de um mistério colocado sob a jurisdição da polícia. (SODRÉ, 1988, p. 116)

Considerando que a curiosidade humana é aguçada, se fosse realizada uma pesquisa indagando sobre seu tipo de leitura favorita, observar-se-ia que grande parte dos leitores tem preferência pelo mistério, mesmo que esse enigma esteja relacionado com vida e morte.

Assim, percebe-se o porquê de tamanha popularidade das histórias de detetive, seu sucesso talvez resida no fato de ser uma leitura da qual o leitor faz parte, pois a ele é lançado o desafio, envolvendo-o na trama de tal maneira que não consegue se separar do livro, pois existe o mistério e a possível solução para o caso. Esse fascinante jogo é proposto pelo escritor, ao prover informações e pistas de forma tênue, mostrando e ocultando simultaneamente, ou seja, brincando com o leitor. Dessa forma, o romance policial estará estimulando a curiosidade do leitor, como se pode observar nos trechos a seguir da obra “Enquanto Seu Lobo não vem”, recorte deste estudo.

Por que o vinho é tão especial? Em parte porque durante muito tempo, ao longo de sua história e da história da humanidade, foi a única fonte de conforto e coragem. [...] Como eu sei disso? É um mistério como muitos outros que virão. [...] A inteligência distancia e discrimina com a mesma força da sociedade, é o jogo da sociedade mental. [...] Este amigo temporário se afastaria de mim para sempre, mas o fim não foi ocasionado pela erudição dos vinhos. (CAMPOS JÚNIOR, 2000, p. 31)

Um dos efeitos que a literatura pode produzir é estimular o leitor a refletir e a ler criticamente a sua realidade. A interação entre leitor e texto pode ser uma estratégia para se alcançar esse objetivo.

Percebe-se que o romance policial é um tipo de narrativa que envolve o leitor e expõe uma investigação ou a identificação de um fato ou pessoa misteriosos.

“O romance policial é constituído pela relação problemática entre duas histórias: a história do crime, e a história de investigação, cuja única justificativa está em nos fazer descobrir a primeira história. O romance se desenvolve na produção de tensões, conflitos, transformações e equilibrações realizadas entre o leitor e a narrativa apresentadas pelo texto”. (TODOROV, 2003, p. 68).

Observa-se que, ante o romance policial, o efeito será sempre a curiosidade. Percebe-se que os escritores desse tipo de literatura se preocupam com a reação do leitor, constrói suas narrativas de forma a chocar num momento inicial, para depois conduzi-los ao conforto da solução. Segundo Narcejac “o verdadeiro romance policial prende-nos pela curiosidade, uma curiosidade ferida e dolorosa, mas na mesma medida agradável, porque a esperança de um desfecho satisfatório sustenta e a excita sem descanso” (1991, p.27).

Um bom romance policial é capaz de, ao longo da trama, deslocar o problema originalmente proposto, reconfigurando indícios e evidências. A boa narrativa de pesquisa é aquela que se coloca com passos a serem desvendados de forma pontual e precisa, que cria indagações e convida o leitor a interagir com seus enigmas. Algumas características do romance policial, ao longo do tempo vêm passando por algumas transformações, que resultam em novas fórmulas. Embora os enfoques estejam em constante mudança, as características básicas continuam presentes. Para Muniz Sodré,

A literatura policial tem como principal função ideológica a demonstração a demonstração da estranheza ao crime. Caracterizando o criminoso como algo à parte, um ser estranho à razão natural da ordem social, o romance policial faz parte desta pedagogia de poder que, através da diferenciação dos ilegalismos, constitui e define a delinquência. O criminoso da ficção é alguém que não se reconhece como o sujeito desejado pela ordem social, sendo por isto necessário identificá-lo e puni-lo. Com efeito, a narrativa policial segue a ordem descoberta, tendo geralmente como ponto de partida um fato extraordinário (que costuma ser o final ou clímax do romance de aventuras)”. (SODRÉ, 1988, p. 113)

Assim, a partir da Literatura de Massa e do gênero romance policial pretende-se apresentar a recepção da obra *Enquanto Seu Lobo não vem* e, conseqüentemente, a sondagem do mundo interior da personagem Lobo. A narrativa é conduzida através de um trabalho lúcido, equilibrado e beirando a perfeição, isso se refere à forma de narrativa e não ao que se passa dentro dessa narrativa, que é o meio onde o personagem Lobo está inserido. Pois ele é o próprio processo onde as situações envolvidas são arrastadas pelo mesmo processo que os unem. A personagem principal é Lobo, funcionário público aposentado por invalidez e conhecedor de vinhos, enófilo. Como se pode perceber é um estudioso de vinhos:

Li e reli as revistas sobre vinhos que podem oferecer informações mais atuais sobre o assunto que os livros. Elas me mantêm atualizado com os eventos do mundo dos vinhos, fornecendo notas de degustação recentes sobre a bebida e as novidades das safras. Era onde escolhíamos as preciosidades a serem degustadas com fervor ao nosso modo escandaloso. (CAMPOS JÚNIOR, 2000, p.66)

A narrativa instaura diversos questionamentos e assim, o leitor como co-autor é que deverá interpretar a sua maneira. O escritor instiga seu leitor à reflexão. Como um funcionário público, de baixa renda, aposentado por invalidez, que mora num pardieiro, um ser totalmente oprimido, revoltado, dependente de calmantes, poderia ter grande apreciação por vinhos caríssimos? .

O narrador-personagem escreve sua história em primeira pessoa. A obra traz a visão doentia de um homem marcado pelas degradações da sociedade brasileira. Um jogo temporal, dirigido pelo narrador, permite ao leitor o conhecimento do meio que lhe impregnou e solidificou a alma, pois a personagem conhece desde cedo a mais dura realidade da vida. Não tem um nome próprio e lhe é dado um apelido baseado em suas características, assim vai sendo construída a mente doentia e possessiva do protagonista. Tais características são percebidas no trecho a seguir:

Tudo foi um processo que me levou a isso. Um processo lento iniciado quando nasci, aprendendo precocemente a me dar com os seres da sombra, que se agravou de tempos para cá. Sabia estar preso no mundo dos fiapos, sem ninguém, com quem pude aliviar angústias de menor gravidade. Quando o velho me deu a lanterna para brincar com as imagens da noite, jamais imaginaria quão amigos dela me tornaria, a um passo de virar sombra nessa vida tola. Não foi impulso o que me fez jogar na frente do automóvel. Como eu disse, um processo lento e letal, começado num sem tempo e agravado recentemente. (CAMPOS JÚNIOR, 2000, p. 65).

Continuando a leitura do texto, percebemos um sujeito doentio que sente grande ódio pela sociedade e esta, em seu ponto de vista, obriga-o a um comportamento degradante, a busca das raízes de sua personalidade, as frustrações e os planos mal-sucedidos que acabam por levá-lo ao crime: assassinou várias pessoas que passaram por sua trajetória e com esse ato, acredita ter dado fim a todas as suas amarguras até mesmo a sua vida.

Uma obra é um processo de estrutura de efeitos comunicativos, percursos que se abrem para aspectos de sentido real e instigado pela sensibilidade e experiência. No dizer de Jauss, citado por Costa Lima:

Um texto poético só se torna compreensível na sua função estética apenas no momento em que as estruturas poéticas, reconhecidas como características no objeto estético acabado, são retransportadas, a partir da objetivação da descrição, para o processo da experiência com o texto, a qual permite ao leitor participar da gênese do objeto estético (doravante) o texto deve ser considerado como o ponto de partida de seu efeito estético. (LIMA, 1983, p.307)

A teoria literária, até o final do século XIX, baseava seus estudos da obra literária em aspectos subjetivos, em que os dados biográficos do autor eram o mais importante. E assim ficava a cargo do crítico decifrar o que o autor quis dizer em seu texto. Mas a partir do século XX, há uma ruptura com essas tendências. E passou-se a estudar as relações entre a Literatura e o leitor. Assim percebemos que o leitor foi progressivamente adquirindo seu papel de elaborador de sentido dos textos, diante de suas experiências e seus conhecimentos históricos dos fatos narrados. Assim fica claro que a obra não traz consigo o sentido que o autor lhe atribuiu no momento da escrita, ou seja, deixa de ser algo pronto. A partir da valorização do leitor, o texto literário passa a ter sentidos diversos, pois seus leitores poderão mudá-lo.

Durante o processo de criação do texto, normalmente o autor não consegue preencher todos os espaços vazios da narrativa. Assim esse vácuo deixado pelo escritor será preenchido pelos leitores em sua tarefa de interpretação, diferentes leitores farão diferentes interpretações, e assim se efetiva a participação do leitor na construção do texto, conforme estabelece Iser.

A função do vazio consiste em provocar no leitor operações estruturadas. Sua realização transmite à consciência a interação recíproca das posições textuais. A mudança de lugar do vazio é responsável por uma sequência de imagens conflitantes, que mutuamente se condicionam no fluxo temporal da leitura. A imagem afastada se imprime na que lhe sucede, mesmo se supomos que esta resolve as deficiências

da anterior. Neste sentido as imagens permanecem unidas em uma seqüência e é por esta seqüência que o significado do texto se forma vivo na consciência imaginante do leitor. (ISER, 1979, p.132)

A Estética da Recepção mostra que a interação entre leitor e texto tem como pré-condição o fato de ambos estarem em horizontes diferentes. Assim, é necessário fundir-se para que aconteça a comunicação. Na tarefa de preencher os vazios, reconstruir o processo de significação do texto, buscando a intencionalidade textual, surgem diversas perspectivas na obra *Enquanto Seu Lobo não vem*, pois o autor joga com o leitor: mostra e ao mesmo tempo esconde as pistas deixadas ao longo da narrativa. Percebe-se uma luta interior da personagem Lobo, entre a vontade de aquietar-se e ao mesmo tempo de agir, momentos de prazer e pessimismo, o conflito entre viver e morrer. A narrativa *Enquanto seu Lobo não vem*, apresenta esse duplo: ora de brincar com a morte e abalar as certezas do sujeito, representando indivíduos em crise existencial, “vivendo” num mundo sem sentido. Pretende-se mostrar o conflito pelo qual passa a personagem Lobo, que reflete o bem e o mal.

Um atropelamento cuja sorte ou azar evitou a morte, em razão da violência do choque. Uns dias de molho, muitas dores, minhas dores, e no descanso do leito a percepção do meu futuro. Que futuro? Poderia ter desviado quando o farol iluminou a rua. Um pulo para trás e nada teria acontecido, mas revelo agora o que nunca contei para ninguém: vi o carro. Vi o carro vindo e fui em direção a ele. (CAMPOS JÚNIOR, 2000, p. 65)

O resultado de uma combinação da linguagem e do sentido, apresenta vazios e ausências que possibilitam a iniciação da comunicação. A Estética da Recepção ajuda a compreender o sentido e a forma da obra literária. E considera a literatura um conjunto que se manifesta por produção, recepção e comunicação, compondo uma relação de diálogo entre autor, obra e leitor. No ato de produção e recepção, a fusão de expectativas acontece necessariamente, pois as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são transferidas ao texto. Assim o texto é o espaço em que os ambos podem estranhar-se ou identificar-se. Portanto, poderá tomar a relação entre expectativas de leitor e a obra em si como parâmetro da avaliação do estético da literatura. A atitude de recepção do texto inicia-se com a aproximação entre texto e leitor. As possibilidades de comunicação com a obra dependem das experiências sociais e culturais em que o leitor esteja inserido.

Se a obra confirma as vivências do leitor, sua posição psicológica é de satisfação e conforto e seu horizonte permanece inalterado. A Literatura de Massa, que objetiva satisfazer o ponto de vista que o leitor possui do mundo, dentro de uma linearidade, obedecendo a uma seqüência clara: início, meio e fim. A narrativa objetiva desenrolar as situações e fatos específicos. Assim, este tipo de literatura alcança uma grande aceitabilidade. O processo de recepção se completa quando o leitor compara a obra aos elementos de sua cultura e de seu meio.

A literatura não se acaba no texto, e sim, completam-se no momento da leitura e o presume, figurando-se em si, através de pistas do comportamento do leitor. Assim o leitor poderá ou não sujeitar-se a pistas de leituras, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o correlacionar a seu conjunto de conhecimentos e interesses. O processo de recepção textual, portanto, envolve a participação ativa e criativa do leitor. Diferentes tipos de textos e leitores interagem de formas diversas.

O leitor possui uma perspectiva que o limita, mas que ao mesmo tempo essa mesma perspectiva possibilita diversos horizontes, que o transforma continuamente, abrindo-o para novos horizontes. O leitor abastecido de referências como: suas vivências pessoais, culturais, religiosas, ideologias – o mundo de sua vida. Portanto, o leitor busca inserir o texto dentro de suas referências de mundo, ou seja, de valores pessoais. O texto terá o poder de comprovar ou desarranjar as expectativas do leitor, que ao ler o texto o ajuíza por aquilo que é de seu conhecimento e pelo que aceita.

Tem-se, na narrativa *Enquanto Seu Lobo não vem*, a descrição da metrópole urbana e todo o lado obscuro da sociedade. Ao descrever essa sociedade, o narrador não utiliza nenhum recurso que possa amenizar a realidade nela encontrada. Aluísio Santiago apresenta a incapacidade de realizações (pessoais, profissionais), a corrupção, a solidão e a marginalidade. Ao escrever o texto em primeira pessoa, apresenta-se um tom confessional e assim se consegue criar um contrato com o leitor. Embora se saiba que o narrador apresenta falhas de caráter, Lobo é um anti-herói. Observa-se uma maneira diferente de lidar com a linguagem. Os assassinatos que vão acontecendo no decorrer da narração são usados como ponto de partida para o desenvolvimento da trama, não como pretexto para demonstrar e questionar a violência urbana, e sim para mostrar as degradações que pode o ser humano sofrer.

Observaram-se as diferenças entre Literatura Culta e Literatura de Massa, em especial o romance policial, considerado também, por alguns críticos como subliteratura. O interesse duradouro por essa literatura, mostra que não se pode estudá-la com uma visão tão simples e de descaso. Limitando-a ao espaço mercadológico. Tomando como partida que esse tipo de literatura está inserido em todas as classes sociais, e que se estabelece como uma ligação dos modos de pensar, sentir e emocionar-se de grande parte dos leitores. Conseqüentemente, os conceitos atribuídos às obras, também podem se modificar, cabendo ao leitor, determinar os parâmetros de cada época.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BOILEAU, Pierre, NARCEJAC, Thomas. *O romance policial*. São Paulo: Ática, 1991.
- [2] CALDAS, Waldenyr. *Literatura da cultura de massa*. São Paulo: Musa, 2000.
- [3] CAMPOS JUNIOR, Aluísio Santiago. *Enquanto seu Lobo não vem*. Campinas: Editora komedi, 2000.
- [4] JAUS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa, org. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- [5] SODRÉ, Muniz. *Teoria da Literatura de Massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- [6] TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

---

<sup>1</sup> **Marcia VERONA, aluna do Curso de Mestrado em Letras, Literatura Brasileira**  
(Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora)  
E-mail: masverona1@yahoo.com.br